

PERNAMBUCO

revista de literatura, do livro e da leitura

Cristovão Tezza

E mais

Eryk

Kayel Capek

José Castello

Vinicius de Moraes

Sandro Moser

Oswalter Urbinati

Luiz Coutinho

João Lin

Rodrigo Garcia Lopes

Greg

Astier Basílio

Joseph Brodsky

Luiz Otávio Cavalcanti

Laerte Silvino

Antonio Callado

Ronaldo Correia de Brito

Eduardo Seixas

Tomás Seixas

Arthur Carvalho

Hildeberto Barbosa Filho

Francisco Gil Messias

Marcelo Abreu

Sidney Rocha

Antônio Torres

Weydson Barros Leal

Antonio Cicero

cepe

COMPANHIA EDITORA DE
PERNAMBUCO

ISSN 2527-0117



O patrimônio familiar de um escritor, literalmente: o que o pai documentou

Seria o tempo atual o mais pobre da literatura em termos de imaginação? A pergunta é tão difusa quanto as possíveis tentativas de resposta. Cabe não simplificar. Deixando de lado os puritanos das boas causas, ainda há escritores de verdade – ou seja, aqueles para quem a Verdade interessa menos do que o prazer de inventar verossimilhanças. Os que não querem fazer justiça com as próprias mãos senão à linguagem. No entanto, para o prazer do texto tanto faz se algo existiu, de fato, ou foi inventado. Estamos quase próximos da História Íntima dos Goncourt, o *roman vrai*.

Quem olhar para os títulos lançados nos últimos anos vai deparar-se com tantos romances baseados no próprio umbigo do autor ou da autora que talvez o melhor da autoficção ainda esteja por vir (ou vindo já). No sentido mais literal: da autoficção, i.e., da ficção de auto. Ou, como no filme já antigo: *Se meu fusca falasse*.

Os carros falam cada vez mais, e os documentos também. Há mais imaginação neles do que pode sonhar a vã filosofia dos leitores de Shakespeare. Tanto que o gênero híbrido da “novela sem ficção”

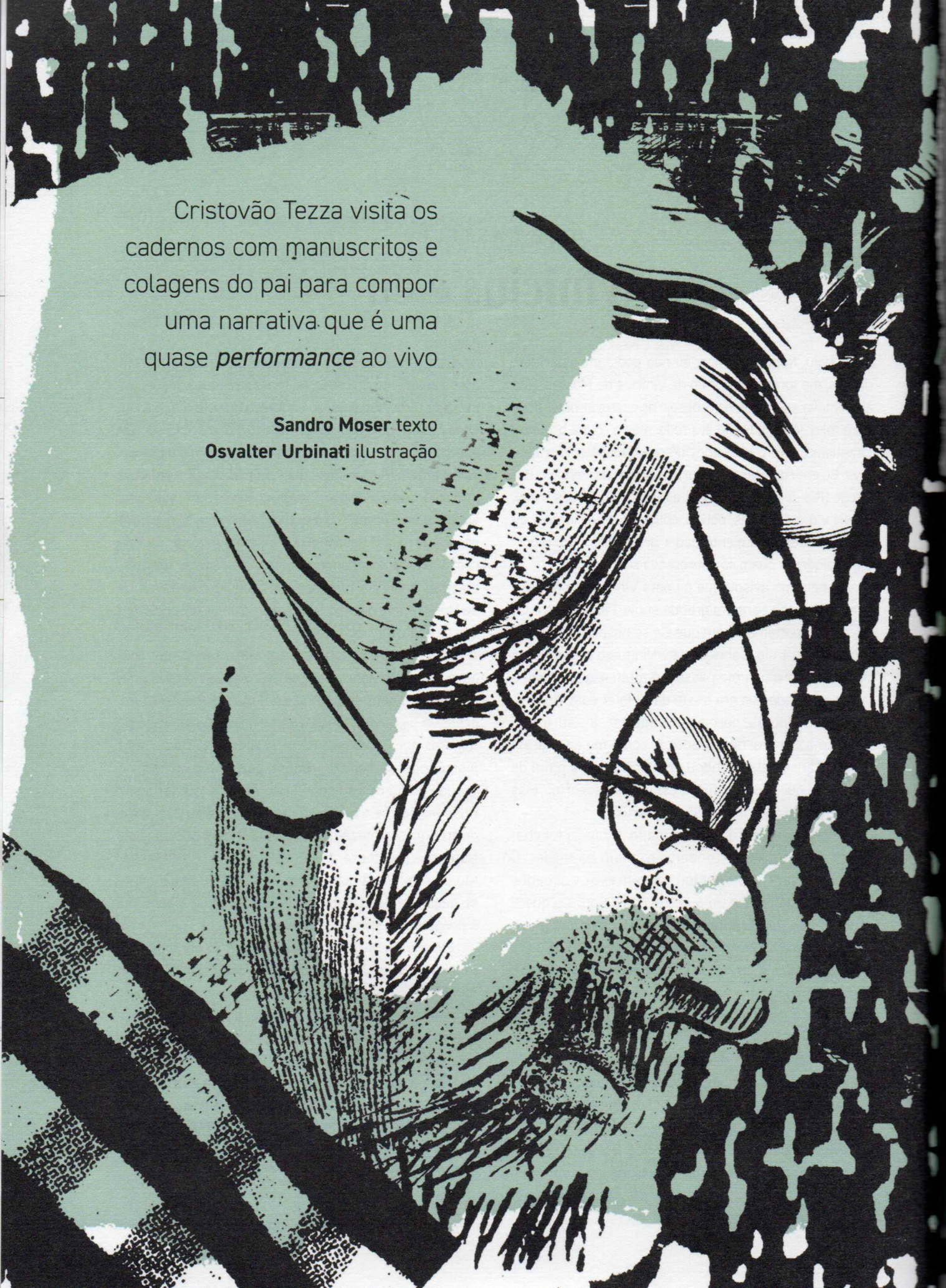
continua a render bons frutos. O escritor Cristóvão Tezza presenteia os leitores com um deles. O seu livro mais recentemente lançado exemplifica um mergulho nos arquivos familiares. Especificamente os do pai. Um tipo de patrimônio documental raro hoje em dia de encontrar. Se pai remete a patrimônio, e vice-versa, ambas as palavras nos levam a Philip Roth: *Patrimônio – uma história real*. A dedicatória é esta: “Para a nossa família, os vivos e os mortos.” Num certo momento, ele nos diz: “Satisfazer as necessidades de mamãe, caso tivesse sido a cônjuge sobrevivente, pareceria algo natural e fácil de gerenciar: ela era o repositório do passado da família, a historiadora de nossa infância e juventude”.

Provavelmente, sem querer, o pai de Cristóvão Tezza terminou sendo algo assim. Historiador de sua infância e juventude, “repositório do passado da família”. Ao menos aquele passado parcial que faz os banquetes dos historiadores e parte da glória dos escritores e dos jornalistas, além dos que gostam de memórias e de confessar (ou imaginar o) que viveram.

Mario Helio | Editor

Cristovão Tezza visita os cadernos com manuscritos e colagens do pai para compor uma narrativa que é uma quase *performance* ao vivo


Sandro Moser texto
Osvalter Urbinati ilustração



An abstract collage artwork featuring a black and white line drawing of a face in profile, looking left. The face is partially obscured by torn paper and other elements. A large, stylized, handwritten word, possibly 'Luz', is written across the center. The background is composed of various colored blocks: a large pink block on the right, a yellow block at the bottom, and a green block on the left. There are also some black and white abstract shapes and textures.

CAPA

**Anotações
de um tabelião
de si mesmo**



Em setembro de 1937, João Baptista Tezza tinha 26 anos e era estafeta (carteiro) dos Correios e Telégrafos. Lotado em Lages, região central de Santa Catarina. Gostava de “envernizar” a função dizendo que era “funcionário público federal”.

Não era mentira, mas também não colocava nenhum *mirrêis* a mais em seus parcos vencimentos. O que não o impediu de se hospedar orgulhoso, ambicioso, em um quarto do Hotel Ideal, um dos melhores da cidade, quando se mudou para lá no final do ano anterior.

“Quem me vê me dirá um príncipe”, escreveu em missiva destinada a um primo com quem divide seus feitos e aspirações imediatas e que só sobreviveu (a carta), pois uma cópia dela foi guardada pelo autor em um caderno de capa dura com a data e outros detalhes de envio.

Desde que era ainda um semiletrado soldado do Exército, em Florianópolis, em 1931, J.B. Tezza arquivava toda a sua burocracia particular em fascículos, hábito que manteria até a sua última semana de vida.

Ao primo missivista, fala sobre a agitação política que chega pelo rádio: em menos de dois meses o então presidente Getúlio Vargas (1882-1954) assumiria poderes autoritários com o golpe do Estado Novo e descreve a paisagem de “praça e igreja” do centro da cidadezinha, que via da janela.

22 anos depois, já professor e advogado, no dia em que comprou e saiu para testar uma lam-bretta, a motoneta de pneus pequenos e motor escondido, que se pilotava sentado, foi atingido por uma Kombi e morreu aos 48 anos, após bater a cabeça no meio-fio justamente na mesma esquina que descrevera.

Deixou alguns bens, esposa, 26 cadernos escritos e quatro filhos.

O caçula Cristóvão, então com seis anos, foi entre todos quem menos conheceu o pai. Dois anos depois, a família se mudou para Curitiba,

onde ele se tornaria um dos mais premiados escritores brasileiros, a partir da década de 1980.

Um livro

Cristóvão Tezza sempre soube da existência dos cadernos do pai no acervo familiar. Chegou a folheá-los, mas se lembrava da experiência de uma leitura aborrecida sobre dívidas ou coisas da caserna.

Os manuscritos e colagens dos cadernos não são um diário de reflexões pessoais com arroubos poéticos, mas, um compilado de certidões, documentos, estudos escolares, fotografias, recortes de jornal e muitas cartas, dedicatórias, telegramas, bilhetes e cartões postais, que o pai recebeu ou enviou.

Anos depois, o filho os definiu como “anotações de um tabelião de si mesmo, mantendo uma compulsão infantil de arquivista”.

Porém, depois de lançar, em 2022, seu romance *Beatriz e o Poeta* (Todavia) e do arrefecimento dos rigores da pandemia, ele resolveu visitar novamente os cadernos, e percebeu pontos de contato entre a sua vida e a do pai.

Nas primeiras páginas, há o frenesi da mudança, o começo de uma aventura pela qual ambos passaram: o jovem sem futuro chega a uma cidade desconhecida, com um endereço do qual dependerá sua sobrevivência.

Havia um livro por fazer

Depois de cogitar brevemente em ficcionalizar a história, Cristóvão deixou que tomasse forma uma narrativa muito original, quase como uma performance “ao vivo”, a partir da leitura cronológica dos volumes.

Três anos depois, em outubro passado, veio à luz *Visita ao pai*, primeiro lançamento de Cristóvão pela Companhia das Letras. Aquele que, o próprio autor admite, é seu livro “mais difícil e imprevisível”.

De certa forma, a estrutura é equivalente de alta voltagem literária aos *reacts* – aqueles vídeos muito populares em plataformas digitais, nos quais as pessoas se gravam reagindo a outros conteúdos.

“Eu fui simplesmente lendo as cartas e escrevendo sobre elas, mantendo um fio biográfico narrativo; a cada momento, senti que as palavras do meu pai puxavam minha cabeça para circunstâncias históricas, ideológicas, sociais, raciais e culturais. Escrevendo, não fugi de nada: desdobrei tudo que ele tocava, com o meu olhar de hoje”, disse.

O pai e o filho

Em *Visita ao pai*, Cristóvão Tezza calça os sapatos de um investigador do passado – não só o de seu pai, mas do próprio e, principalmente, o do país que se transformava enquanto o pai tentava ganhar dinheiro e cultura para escapar de um destino pobre e ágrafa que sentia lhe ter sido destinado.

Se em *O filho eterno* (2007) Tezza criou um híbrido entre autobiografia e romance para contar a história de um homem, pai de um menino com síndrome de Down, quando se sentou para escrever sobre o “pai efêmero”, lançou mão de uma forma literária que é mais fácil definir por exclusão.

Não é uma biografia do pai. Não é um estudo ensaístico sobre o Brasil e nem um romance histórico. Não parece com nenhum gênero convencional fechado – embora a sombra da estrutura romanesca esteja sempre presente.

É um daqueles livros em que a travessia definiu a forma, e em que o mais importante é perceber que o “realismo reflexivo”, estilo natural de livros de Cristóvão, foi levado às últimas consequências.

“Não perdi de vista a intenção de manter viva a percepção literária do mundo, que é a matéria de que sou feito desde sempre”, disse.

Com suas 440 páginas, *Visita ao pai* é uma reflexão corajosa, crítica, terna e audaciosa sobre um pai e um filho que se viram apenas no tempo

“

Visita ao pai
pode ser definido
por exclusão:
não é biografia,
não é um estudo
ensaístico sobre
o Brasil, nem
um romance
histórico

de uma manhã na história do país. Uma viagem literária, de alma ficcional, no mundo concreto da não ficção.

De perto e de longe

O livro tem dois eixos. Um é o que acontece muito perto, na vida do pai. O outro é o que acontece ao fundo, no convoluto cenário social e histórico do Brasil a partir dos anos 1930.

Nesse pano de fundo se dá a construção de uma classe média urbana emergente, processo que mudaria a face do país nos anos 1960 e 1970, justamente os anos da formação pessoal do filho e autor.

Ao comparar a memória de sua própria geração à do pai, mediada por seus escritos, Tezza se torna um “Santo Agostinho improvisado”, investigando “um pouco mais minha descrença de origem”.

Na primeira metade do livro, Tezza confronta essa historicidade e suas circunstâncias como um observador e crítico do mundo contemporâneo,

chegando a conclusões bastante originais sobre grandes questões da formação do país.

Quem leu seus últimos três romances com atenção, percebe que ele reelabora muita coisa dita pela boca de seus personagens, mas agora com todas as letras, sobre o Brasil do passado e do presente.

Segundo Cristóvão, nestes temas o que conduziu a narrativa foi o seu próprio repertório de “uma vida inteira de referências culturais caóticas que vão tomando forma pela escrita”.

“Objetivamente, minha pesquisa foi mínima: breves consultas factuais de datas e eventos, as âncoras da realidade”. Como não se trata de uma ‘biografia’ no sentido estrito, ele não foi atrás de fontes alternativas, não fez entrevistas, não pesquisou documentos, nada. As únicas fontes são as cartas e a memória pessoal e familiar.

Ele reconhece, contudo, que sua formação acadêmica – professor universitário por duas décadas – “inesperadamente” o ajudou. “Primeiro, pela disciplina de respeitar a citação e a palavra alheia: o livro inteiro se fez sobre as cartas do meu pai. A minha imaginação vem apenas a reboque”, afirmou.

Mas, principalmente, pelo “toque racionalizante” ao olhar para a própria vida. “Eu estava sempre atrás das pequenas e grandes ramificações históricas e sociais implícitas em cada gesto. A vida do meu pai é uma micro-história do Brasil da primeira metade do século 20. Essa ramificação é parte essencial de toda literatura romanesca. Nesse sentido, o recorte que eu fiz ao recriar a vida do meu pai diz também muito sobre mim mesmo, o narrador.”

O filho e o pai

Quase duas décadas separam *O filho eterno* e *Visita ao pai* e muita coisa mudou na trajetória literária e pessoal do autor desde então. Até lançar seu livro mais vendido e premiado, Cristóvão Tezza era um professor acadêmico que escrevia ficção.

Um professor, diga-se, muito querido e lembrado pelos alunos que influenciou com o hábito de começar os anos letivos apresentando listas

com dezenas de títulos de uma “biblioteca básica”, que marcaram época na Universidade Federal do Paraná.

Em 2009, ele se demitiu e passou a se dedicar totalmente à literatura e à linguagem, livre da relação esquizofrênica entre o discurso da ciência e o da arte – uma tensão que, segundo ele, teve efeitos deletérios sobre a prosa brasileira.

De lá para cá, já lançou 13 livros: sete romances e cinco títulos de não-icção, entre crônicas e ensaios. Todos alcançaram leitores e repercussão crítica, mas nenhum é tão ambicioso (no melhor sentido) e invulgar quanto *Visita ao Pai*.

Aos 73 anos, o escritor vive com a esposa, Beth, e o filho, Felipe, em um apartamento no centro de Curitiba. Nos últimos três anos, a rotina da casa foi invadida pelos cadernos ancestrais.

Curiosamente, o tema de alguém que investiga escritos póstumos já havia aparecido em sua literatura – como em um de seus livros subestimados, *Uma noite em Curitiba* (Rocco, 1995), um *thriller* sobre um professor universitário que desaparece, não sem antes deixar cartas escritas como pistas à atriz.

De certa forma, também é tema em seu livro de estreia, *Trapo* (Record, 1988), que conta a história de um jovem poeta suicida que deixa o esboço de um livro na pensão onde morava – papéis que são entregues a um antigo professor.

Cadernos x timelines

Ao folhear os cadernos do soldado Tezza, é curioso pensar como, quase cem anos depois, jovens como ele também arquivam e organizam todas as relações pessoais e atividades cotidianas não em cadernos, mas nas *timelines* das redes sociais.

Quando perguntei se percebia alguma semelhança entre as lógicas e práticas, Cristóvão pensou bastante antes de concluir que não.

Para ele, usuário muito comedido das redes sociais contemporâneas, o traço central delas é a “explosão pública da própria vida, a exposição permanente da intimidade, o apagamento da vida privada”.



“
”

Os cadernos se inserem mais na tradição do diário, da anotação pessoal da vida privada, ainda que com linguagem peculiar

“Nesse sentido, hoje vivemos uma volta ao espírito da Idade Média, um neo-medievalismo: tudo é obrigatoriamente público sob o olhar da Internet, que tudo vê (como o velho olhar do Deus de antanho). Já os cadernos do meu pai se inserem mais na tradição do diário, da anotação pessoal da vida privada, ainda que com linguagem peculiar. E ele era uma pessoa tímida; por exemplo, numa carta à noiva, a reação do meu pai a uma notícia de jornal sobre ele demonstra o temor da exposição.”

São outros tempos, é claro, mas há coisas que quase não mudaram no Brasil. Ou pior, parecem se repetir em ciclos assustadoramente ritmados. *Visita ao Pai* é a história de um homem que sai da miséria ágrafa para o mundo dos bacharéis de classe média – uma espécie de sonho brasileiro do século XX.

Um país que fala

A geração contracultural do filho renegou esse ideal o quanto pôde, mas depois também aderiu. O comum entre os dois tempos é a presença de projetos políticos autoritários para os quais não faltavam defensores apaixonados – o pai chegou a

se encantar com o discurso e com figuras do movimento integralista, por exemplo.

“Enquanto lia as cartas do meu pai ao longo dos anos 1930 e 1940, fui me espantando com a profunda semelhança com o Brasil dos anos 1960 e 1970 e de novo na ascensão recente do bolsonarismo, com os mesmos fantasmas nos assombrando. Se esse destino é inescapável, não sei dizer. Espero que não.”

Outro tema caro ao filho escritor é a busca de emancipação pessoal do pai pelo acultramento e pela palavra escrita. A principal luta do pai é dominar a linguagem, é sair do “país que fala”, do Brasil que nunca superou a tradição de comunicação oral e, assim, moldou suas relações sociais.

“Há mil ângulos para explicar a disfuncionalidade brasileira, mas eu escolho o que considero central: o fracasso centenário do ensino público básico e fundamental no país”, disse Cristóvão.

Para ele, a urbanização que explodiu e transformou o país a partir dos anos 1950 e 1960 jamais conseguiu qualificar o ensino público de base.

Uma segregação cruel que, em efeito dominó, se espalhou por todos os aspectos da vida brasileira. “À imensa maioria da população, a televisão chegou antes do livro, e a Internet antes das letras. Como consequência, o de sempre: exportamos matéria-prima e importamos inteligência”, afirmou.

Um thriller sentimental

Na segunda metade de *Visita ao pai*, a narrativa evolui para uma espécie de *thriller* sentimental, com a emergência das questões emocionais envolvidas no relacionamento entre João Baptista e sua futura esposa, Elin, mãe de Cristóvão.

As cartas de amor são quase um livro à parte e, como sabemos, numa CPI das cartas de amor, nenhum de nós escaparia do ridículo. E tudo fica mais complexo quando sabemos de antemão o final da história: a morte do pai e a vida recomeçada.

Entender as marchas e contramarchas da história dos pais, com o distanciamento possível de um “ficcionista de não ficção”, é, entre os muitos méritos, a grande façanha literária de Cristóvão no livro.

Num dia qualquer dos cadernos, a história da minha mãe surge como um contraponto fundamental à do pai. O filho escritor, uma vez mais, enfrenta com grande destemor as arestas psicanalíticas da construção da família e de suas inevitáveis fraturas – que, não por acaso, são um dos temas centrais da modernidade literária.

“Vivemos sob um imaginário esmagador sobre a família – e isso é especialmente verdadeiro na minha geração e nas imediatamente anteriores”, explica Cristóvão.

“Em *O filho eterno* eu lidei com a paternidade, que era exclusivamente um problema meu. Agora, o material eram os outros: meu pai e minha mãe. Como descartei a ideia do romance histórico, o que permitiria o alibi da duplicação de personagens, da troca de nomes, do disfarce da pura ficção, fiquei com um problema grande diante de mim – uma tensão emocional constante.”

Transformar essas questões e conflitos em grande literatura, interessante também para quem não conhece os personagens, foi a missão que o autor enfrentou como fazem os escritores puro-sangue: deixando que a escrita o levasse.

“Acho que alguns aspectos me ajudaram. Conheci muito pouco meu pai; eu tinha seis anos quando ele morreu. Para mim, é uma figura distante e esfumada pela memória – tipicamente, um personagem. Preferi deixá-lo assim, incompleto: o leitor preenche as lacunas”, conta.

Com a mãe, o filho rompeu na adolescência, saindo de casa para morar numa comunidade alternativa de artistas, em meados dos anos 1960.

“A convivência com ela sempre foi difícil, exceto nos seus últimos quinze ou vinte anos de vida, quando a velhice acalma tudo e nos tornamos todos sábios chineses. Esse deslocamento existencial me deu uma grande liberdade, o que é fundamental para quem escreve”, disse.

Há, por fim, a distância do tempo: de 1930 para cá, passou-se quase um século, em que o filho – que mal conheceu o pai – hoje pode dizer que o conhece melhor do que ele mesmo jamais imaginou. O que, de certo modo, também se aplica à sua própria história.

“De certa forma, esta visita ao meu pai delimitou aspectos da minha própria vida, semelhanças inesperadas; explicou muita coisa. Estamos sempre tentando descobrir o impossível: como nos tornamos o que somos?”

Depois da visita de quase mil dias ao peculiar projeto literário que o pai deixou, Cristóvão conclui que, no fim, fez “um livro extraído de outro livro”. Mas, pensando bem, qual não é?

Sandro Moser é jornalista, escritor e editor do portal Fringe BR. Autor de *Sucupira - Vida e gols de um craque chamado Barcímio*



VISITA AO PAI

Autor:

Cristóvão Tezza

Editora:

Companhia das Letras

[448 páginas | R\$ 89,90]